

AREIAS VIRARAM BOMBA

Areia monazítica explorada em Guarapari foi exportada e usada pelos Estados Unidos na fabricação de bombas

/// **AGLISSON LOPES**
aslopes@redegazeta.com.br

/// **NATÁLIA BOURGUIGNON**
nbourguignon@redegazeta.com.br

Uma trama envolvendo negociações secretas, acordos internacionais, disputas políticas, corrupção e exploração de trabalhadores liga o balneário de Guarapari, no Espírito Santo, ao programa de produção de armas nucleares dos Estados Unidos durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

O pivô de tamanha disputa é justamente o patrimônio que mais tarde deu fama à cidade por suas propriedades medicinais: a areia monazítica, rica em elementos radioativos.

Essa areia abastecia as pesquisas de projetos secretos criados pelo governo norte-americano para acelerar a produção de bombas atômicas, sobretudo no período da Guerra Fria.

A reportagem do Gazeta Online teve acesso a documentos dos governos brasileiro e norte-americano, pesquisas acadêmicas, notícias de jornais da época e fotografias de arquivos públicos, que comprovam o envio de areia monazítica de Guarapari e outros municípios capixabas, do Rio de Janeiro e Bahia para os Estados Unidos – além de França, Alemanha e Inglaterra – entre as décadas de 1890 e 1960.

Muitas vezes o envio era feito a “preço de banana” ou de forma clandestina, declarada como areia comum para preencher o lastro dos navios.

Esse material, no entanto, é rico em tório, elemento radioativo muito visado em dois momentos da história: na fabricação de luminárias a gás, exportada para a Europa a partir de 1890, e depois na indústria nuclear na década de 1940, para desenvolvimento

da bomba atômica.

Nesse caso, o tório virou alvo de cobiça internacional após a descoberta de que poderia ser produzido a partir de Urânio 233 (U-233), elemento criado em laboratório e usado em reatores ou bombas atômicas.

Entre boatos e verdades, há quem diga até que a areia monazítica de Guarapari foi usada para a produção da bomba que caiu sobre a cidade japonesa de Hiroshima, em 1945, matando cerca de 80 mil pessoas no episódio mais marcante da Segunda Guerra Mundial. Tal história circulou por diversos jornais e permeou discursos a partir das investigações de que centenas toneladas de areia monazítica saíram do Espírito Santo de forma clandestina durante décadas a fio.

Homens ficaram milionários com a exploração da areia capixaba, enquanto que operários que trabalhavam diretamente com ela sofriam com baixos salários e jornada exaustiva. Do outro lado do continente, essa areia alimentava a sedenta indústria nuclear americana durante a Guerra Fria. Bombas de Urânio 233, produzidas a partir do tório extraído no Brasil, foram lançadas durante testes em 1956, segundo os arquivos das forças armadas americanas.



200 mil

Pelo menos 200 mil toneladas de areia e óxido de tório teriam sido retiradas de praias brasileiras em pouco mais de 50 anos.



Praia de Guarapari: areia rica em elementos radioativos atraía banhistas e empresas internacionais

Exportar areia ou enviar soldados para a guerra?

/// A partir da década de 40, acordos oficiais entre Brasil e Estados Unidos consolidaram o que já era feito por empresas privadas sem qualquer controle e fiscalização. O presidente Getúlio Vargas se comprometeu a enviar a areia monazítica brasileira aos americanos, a preços módicos, como parte da “Política da Boa Vizinhança” entre os dois países.

Parte da elite intelectual brasileira defendia que a matéria-prima fosse mantida no país, e que fosse criada uma política nacional

para desenvolvimento da tecnologia nuclear, o que não avançou. Além disso, os EUA não concordavam em compartilhar tecnologia e conhecimento atômico com o Brasil. Isso acabou gerando um mal-estar político que culminou com a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), em 1956, para investigar os interesses brasileiros em torno dos acordos com os EUA.

Em outras negociações, foram trocadas toneladas de areia por trigo americano. Documentos

mostram que o acordo favorecia somente a potência americana. Em determinado momento, o Brasil foi forçado a se decidir entre enviar tropas aliadas para a Guerra da Coreia, em 1951, ou se comprometer a enviar mais areia monazítica e outras “matérias-primas estratégicas” para os portos norte-americanos. Parte da imprensa da época, de forte apelo nacionalista, chegou a tratar o assunto como um escândalo, com a pergunta “areia ou carne para canhão?”.





A Mibra, empresa que explorou areias monazíticas, chegou a retirar 30 toneladas de material por dia das praias

Russo era o barão da monazita

Um só homem foi acusado de ter faturado milhões de dólares em Guarapari com a extração de areia monazítica praticamente de graça, durante quase 30 anos, exportando para diversos países do mundo. Seu nome é Boris Davidovitch.

Natural de Odessa, na Rússia, Boris era também naturalizado norte-americano, francês e brasileiro. Ele chegou ao Brasil em 1940 como procurador da “Société Minière”, empresa francesa que já mantinha a exploração de monazita no Espírito Santo e, em apenas um ano, já era dono de todo o patrimônio radioativo da cidade de Guarapari.

A empresa, que mantinha uma exploração modesta desde a década de 20, foi transformada, em 1941, na Mibra (Monazita Ilmenita do Brasil), o que lhe rendeu um processo criminal na França por peculato, arquivado anos depois por falta de provas. Isso porque Boris, com uma procuração, vendeu a empresa e abriu a Mibra, usando todo o patrimônio da Minière, só que com ele no comando.

Davidovitch chegou a possuir até cinco empresas diferentes no mundo todo relacionadas à extração e beneficiamento de areia monazítica no Estado e não pagou quase nada de impostos aos cofres públicos.

As empresas cobriam a totalidade do processo de extração e beneficiamento da areia. Ele era, por exemplo, acionista da “Lindsay Light and Chemicals”, empresa americana que comprou monazita da Mibra. Ou seja: o russo vendia dele para ele mesmo com a finalidade de se livrar de impostos.

Estima-se que Davidovitch tenha revirado mais de 70 quilômetros de praias, destruindo restingas em Muquiçaba, Castanheiras (Guarapari), Mãe-bá e Ubu (Anchieta), e outras. Eram

36 toneladas por dia.

Até 1956, ano em que foi instaurada uma CPI na Câmara dos Deputados para investigar denúncias na extração da monazita, todo o tório retirado por Boris das praias de Guarapari lhe renderam 227 bilhões de dólares, enquanto ele pagava cerca de Cr\$ 0,80 de imposto à prefeitura por ano, segundo denúncias da própria Prefeitura de Guarapari feitas ao jornal Tribuna da Imprensa (RJ).

“Nasci e criei-me aqui. Nunca vi esse homem fazer qualquer coisa em benefício dessa terra”, protestou ao jornal o prefeito Epaminondas de Almeida, em 1956. Ele assumiu a prefeitura após seu antecessor, Edizio Cirne, ser afastado porque deu uma “bofetada” na cara de Boris. O empresário queria brigar na Justiça pela exploração das areias da praia da Areia Preta, mas o prefeito disse que defenderia a praia “até debaixo de bala”.



Boris Davidovitch: esquema para se livrar de impostos

Primeiras encomendas eram para fabricação de luminárias

O potencial das areias monazíticas foi descoberto no final do século XIX. Várias publicações apontam o engenheiro americano John Gordon como o primeiro a olhar para as areias das praias do sul da Bahia e perceber uma diferença de coloração com relação a outros lugares do litoral.

Gordon, funcionário da empresa britânica de exportação de café Edward Johnston & Co., encomendou uma análise de amostras da areia e o relatório apontou que elas

continham algum tipo de minério.

O engenheiro foi a Europa para vender o mineral e encontrou o austríaco Carl Auer von Welsbach, criador de um sistema de lâmpadas incandescentes a gás que iluminou a Europa por vários anos. Ele descobriu que o óxido de tório era o melhor material para produzir uma luz forte e duradoura. Com isso, passou a encomendar areia monazítica para a retirada do tório. Na época, a maior parte era extraída de Cumuruxatiba, Sul da Bahia.

70 km

Estima-se que Davidovitch tenha revirado mais de 70 quilômetros de praias.

30 anos

Foi o tempo que Davidovitch explorou areias monazíticas de Guarapari.

227 bi

Total de dólares na conta. Foi quanto Davidovitch faturou.

Testes com bombas em 1956

Bombas de Urânio 233, produzidas a partir do tório extraído no Brasil, foram lançadas durante testes em 1956, segundo os arquivos das forças armadas americanas. No entanto, não há informações sobre quantas bombas foram produzidas e podem estar armazenadas até hoje em território americano, representando a participação do Brasil em uma guerra nuclear cujo acesso a informações até hoje é restrito.

CPI apurou suborno e trabalho escravo

A influência de Boris Davidovitch se dava além do mundo empresarial. Enquanto um dos homens mais ricos do país, ele gozava também de boa influência política e usava métodos nem sempre lícitos para conseguir o que queria.

Na CPI da Energia Atômica de 1956, foram apresentadas correspondências mostrando que ele subornou juízes e desembargadores para julgar demandas de terras em que ele estava interessado. O russo, em depoimen-

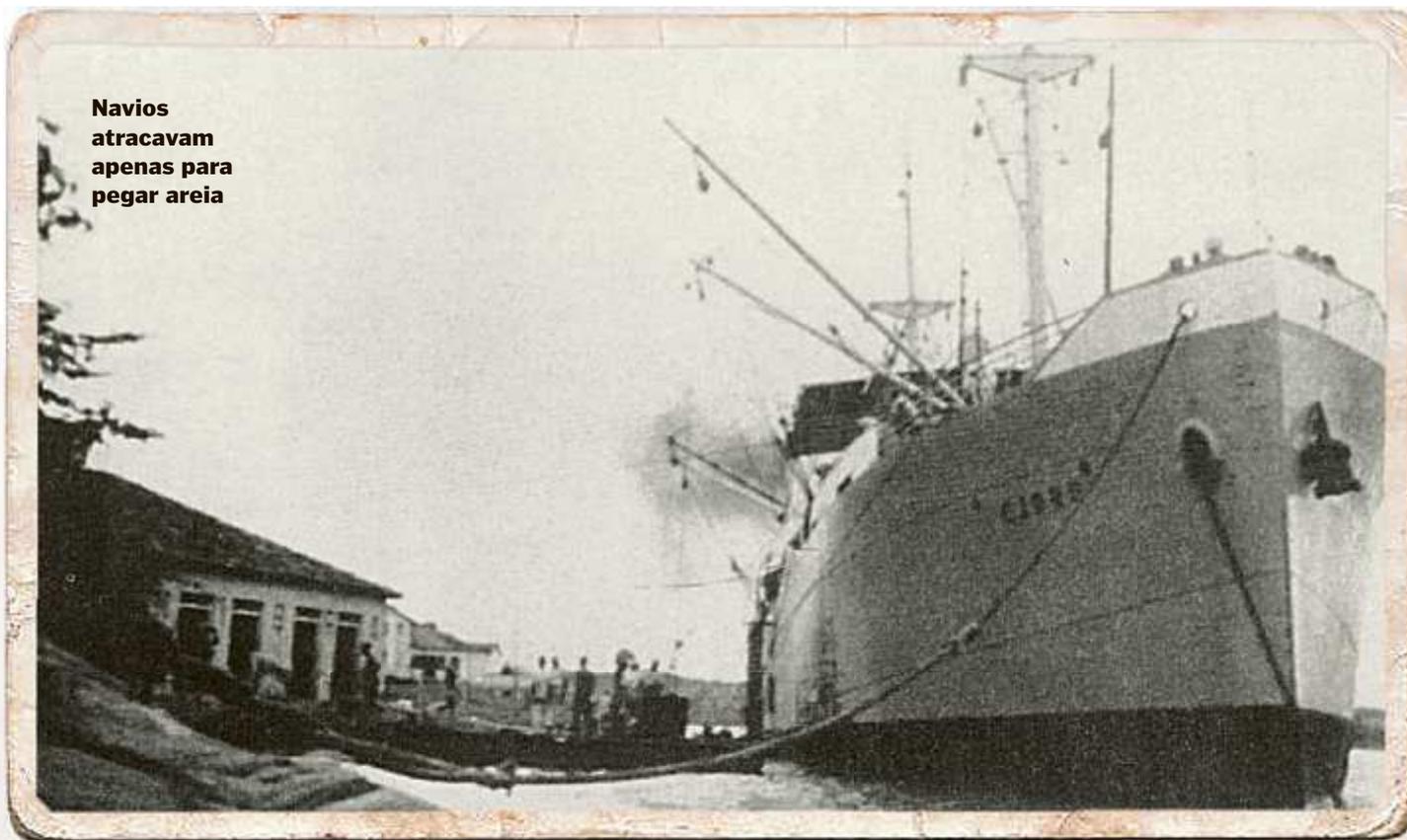
to, reconheceu a legitimidade dos documentos.

Durante a CPI, deputados, técnicos e jornalistas visitaram as instalações da Mibra em Guarapari e descobriram diversas irregularidades. A denúncia mais grave foi a de trabalho escravo.

Segundo relatou a jornalista Maria da Graça, do periódico carioca Imprensa Popular, “os 27 trabalhadores tinham ausência total de cor nas faces e lábios, magreza doentia, olhar mortiço, mãos e pés de coloração anormal

devido ao constante contato com a umidade da areia. Todos descalços e semi-nus, vestidos apenas de calções esfarrapados”.

Boris Davidovitch faleceu no dia 20 de setembro de 1960. Segundo informações extra-oficiais, ele morreu de infarto após desembarcar no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris. Após a morte de Davidovitch, as atividades da Mibra foram encerradas e houve ordens para queimar todos os documentos da empresa e enterrar maquinários na areia.



Navios atracavam apenas para pegar areia

IMAGENS: ACERYO UFES

Novo barão explorou areias até em Vitória

Além da Mibra, outra empresa atuava na extração e beneficiamento de monazita e ilmenita no Espírito Santo: a Orquima (Indústrias Químicas Reunidas), com sede em São Paulo. Seu proprietário, Augusto Frederico Schmidt, também foi convocado a depor na CPI da Energia Atômica, quando se recusou a divulgar os nomes dos acionistas da empresa.

Schmidt era bastante influente no meio político, foi assessor direto do presidente Juscelino Kubitschek e, depois, do general Castelo Branco, primeiro presidente da ditadura militar.

Enquanto que a empresa Mibra, de Boris Davidovitch, concentrava a exploração de monazita ao Sul do Espírito Santo, a Orquima obteve licença para extração na faixa que seguia de Vitória até o extremo norte capixaba, em Conceição da Barra, além do Sul da Bahia.

As jazidas com maior atividade ficavam em Carapebus, na Serra, mas também há registros de retirada de areia na Praia do Suá (Vitória), Nova Almeida (Serra), Regência (Linhares) e São Mateus. Mais tarde, a empresa também explorou areias de Ponta da Fruta, em Vila Velha.

O relatório final da CPI da Energia Atômica acabou por não atingir criminalmente nenhum dos empresários nem autoridades.

CONTRABANDO NOS PORÕES DOS NAVIOS

A desculpa era de que a areia fazia peso nas embarcações. “Fomos saqueados durante anos”, afirma historiadora

Contando com o monopólio da exploração de monazita no Brasil e gerenciando a extração das areias de Cumuruxatiba e Prado, na Bahia, o engenheiro americano John Gordon, considerado o primeiro explorador das areias monazíticas, colocava “testas-de-ferro” para liderar a empresa em Guarapari.

Diversos registros, no entanto, colocam em dúvida a legalidade das suas atividades.

Segundo a pesquisadora Beatriz Bueno, Gordon explorou e

exportou ilegalmente areias monazíticas das praias de Guarapari dentro de navios, disfarçadas de lastro.

“Diversas embarcações que não tinham nada para fazer em Guarapari estacionavam na nossa praia e pegavam a areia com a desculpa de fazer peso nos porões. Nós fomos saqueados durante anos”, conta Beatriz.

Os navios Mercator e Fjord foram presença fiel no porto de Guarapari durante as várias décadas de exploração da areia

monazítica. Ao jornal Imprensa Popular, em 1956, o deputado capixaba José Cupertino de Almeida denunciou a baixa taxa de impostos cobrados pela exploração da areia monazítica de Guarapari: “É doloroso registrar que Guarapari possui uma das maiores reservas de minerais atômicos do mundo e, no entanto, é um dos municípios mais pobres do país”.

Com a popularização da energia elétrica, a partir da década de 20, a exportação da monazita so-

freu uma queda, até que as pesquisas sobre energia atômica se intensificaram no período da Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria. A monazita foi, então, recolocada em evidência por conter tório, elemento radioativo.

Em 1951, a Lei Federal nº 1310 proibiu a exportação de monazita bruta num esforço de tentar despertar o interesse de empresas nacionais em beneficiar o material. Mesmo com a lei em vigor, as exportações ilegais continuaram.

GAZETA ONLINE

gazetaonline.com/bomba

A exploração das areias monazíticas para fabricação de bombas está contada em detalhes no Gazeta Online. No site, você pode conferir fotos, vídeo, recortes de jornais da época e muito mais. Amanhã, A GAZETA publica mais uma parte dessa história.

Bombas de Urânio-233 lançadas nos EUA

Passados 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, não há documentos que comprovem que a areia monazítica de Guarapari e de outras regiões brasileiras foi usada nas bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki.

Pelo contrário: sobre esse assunto restam mais provas contrárias, uma vez que o elemento base da bomba batizada de Little Boy era o Urânio-235 (U-235), e não o U-233 gerado a partir do tório das areias. Já a bomba que caiu sobre Naga-

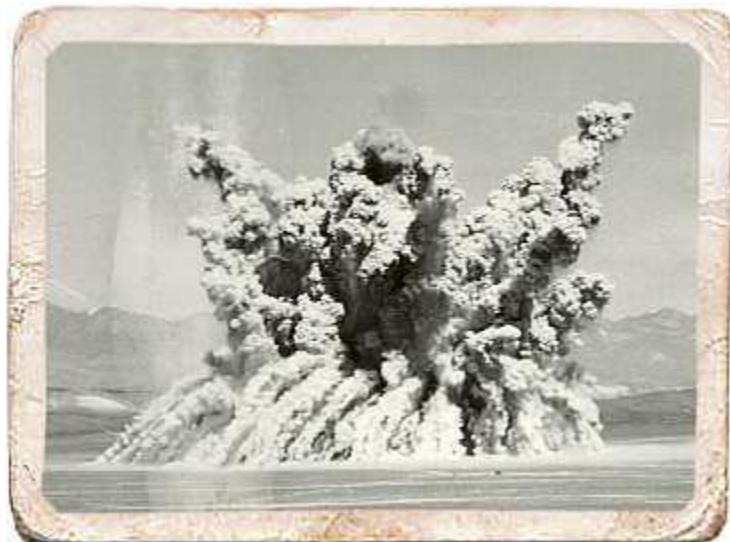
saki tinha como base o Plutônio.

De qualquer modo, o Urânio-233 chegou a ser usado em pesquisas do Projeto Manhattan, uma iniciativa ultrasecreta voltada para o desenvolvimento de armas nucleares pelo governo americano. Oficialmente, bombas de U-233 só foram produzidas por volta de 1950, durante a Guerra Fria.

É aí que a monazita brasileira assume papel estratégico para os EUA. Os americanos já dominavam a fissão do U-233 e o envio da

areia que já acontecia há anos se intensificou ainda mais. O maior ponto de extração era Guarapari.

O envio durou por pelo menos mais 15 anos. O fato é que o Urânio-233 ganhou destaque em um projeto de armas nucleares batizado de Operação Teapot. Ao todo, 14 bombas foram lançadas em pontos do deserto de Nevada (EUA), sendo que algumas tinham como base o U-233, combinado com Plutônio. O total de bombas desenvolvidas no projeto é desconhecido.



Teste com bomba: material retirado do Estado foi utilizado

História de décadas contada em quadrinhos

ILUSTRAÇÕES: ARABSON

1898

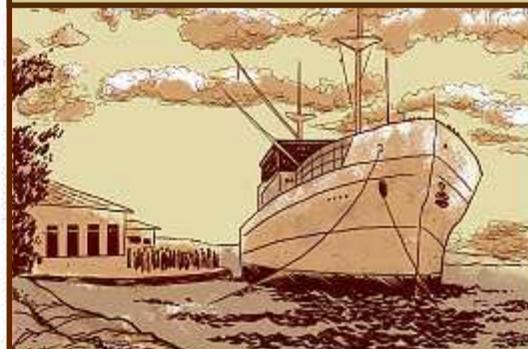


O ENGENHEIRO AMERICANO JOHN GORDON DESCOBRE A AREIA MONAZÍTICA EM GUARAPARI E, OITOS ANOS DEPOIS, INSTALA A EMPRESA FRANCO-BRASILEIRA SOCIÉTÉ MINIÈRE. A AREIA ERA RICA EM TÓRIO E TERRAS RARAS.



NA EUROPA, DIVERSAS EMPRESAS PASSARAM A IMPORTAR A AREIA MONAZÍTICA, PRINCIPALMENTE PARA A PRODUÇÃO DE LAMPARINAS A GÁS.

COM O MONOPÓLIO DA EXPLORAÇÃO, GORDON EXPORTOU ILEGALMENTE AS AREIAS DE GUARAPARI DENTRO DE NAVIOS, DISFARÇADAS DE LASTRO.



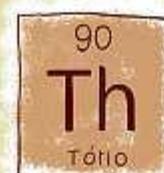
COM A POPULARIZAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA NA EUROPA, A DEMANDA DE TÓRIO SOFREU QUEDA.



MAS PESQUISAS SOBRE ENERGIA ATÔMICA APÓS A SEGUNDA GUERRA COLOCARAM O TÓRIO NOVAMENTE EM EVIDÊNCIA.



CIENTISTAS DESCOBRIRAM QUE A PARTIR DO MINERAL RADIOATIVO ERA POSSÍVEL FABRICAR URÂNIO-233, USADO EM REATORES NUCLEARES.



1941

A MIBRA TOMA O LUGAR DA MINIÈRE EM GUARAPARI E PASSA A EXTRAIR E EXPORTAR PARA O MUNDO VÁRIAS TONELADAS DA MONAZITA



TUDO SOB DENÚNCIAS DE TRABALHO ESCRAVO.

POR QUASE 30 ANOS, ELA EXTRAIU AS AREIAS SEM PAGAR QUASE NADA DE IMPOSTO AO MUNICÍPIO.



BILHÕES DE DÓLARES

➔ MIBRA

CR\$ 0,80 POR TONELADA

➔ MUNICÍPIO

SEU DONO: O RUSSO DAVIDOVITCH.



ELE CHEGARA AO BRASIL COMO PROCURADOR DA "SOCIÉTÉ MINIÈRE" EM 1940. EM APENAS UM ANO SE TORNA DONO DE TODO PATRIMÔNIO RADIOATIVO DA CIDADE DE GUARAPARI.

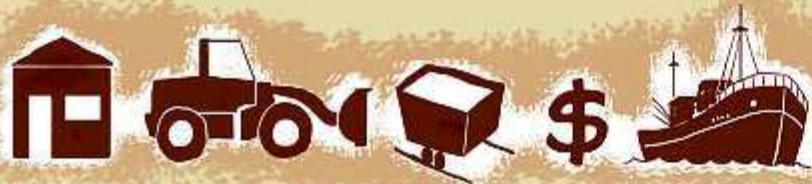
O QUE LHE RENDE PROCESSOS CRIMINAIS NA FRANÇA E RIQUEZA NO BRASIL.



ALVO DE INVESTIGAÇÕES, BÓRIS PRETENDEU COMPRAR OS JORNAIS O GLOBO E A TRIBUNA DA IMPRENSA PARA QUE DEIXASSEM DE ATACÁ-LO.



A FONTE DA FORTUNA DE BÓRIS ERA UM ESQUEMA BEM ARQUITETADO. ELE POSSUIA CINCO EMPRESAS QUE COBRIAM TODO O PROCESSO, DA EXTRAÇÃO À EXPORTAÇÃO DA MONAZITA. SEGUNDO RUMORES, ELE ERA DONO DE EMPRESAS COMPRADORAS DO PRODUTO, OU SEJA, VENDIA PARA ELE MESMO.



EM 20 DE SETEMBRO DE 1960, BÓRIS MORRE DE INFARTO APÓS DESEMBARCAR NO AEROPORTO CHARLES DE GAULE EM PARIS. O QUE MARCA TAMBÉM O FIM DA MIBRA.



ANTIGOS TRABALHADORES CONTAM QUE HOVE ORDEM PARA QUEIMAR OS DOCUMENTOS DA EMPRESA E ENTERRAR O MAQUINÁRIO NA AREIA.

A TEORIA DA CONSPIRAÇÃO



HÁ QUEM ACREDITE QUE AS AREIAS RETIRADAS ILEGALMENTE DE GUARAPARI SEGUIAM PARA OS ESTADOS UNIDOS.



OS AMERICANOS TERIAM USADO O TÓRIO NA FABRICAÇÃO DE UMA DAS BOMBAS ATÔMICAS LANÇADAS CONTRA O JAPÃO NA SEGUNDA GUERRA.



O QUE POUCA GENTE SABE É QUE O TÓRIO CAPIXABA VIROU SIM BOMBA ATÔMICA. OS ARTEFATOS FORAM EXPLODIDOS DURANTE TESTES NO DESERTO AMERICANO DURANTE A GUERRA FRIA, MAS A PESQUISA COM O MINERAL FOI ABANDONADA POUCO DEPOIS.